

# Comércio digital não é jogo de soma zero

## Fluxos comerciais ligados à área de conhecimento crescem o dobro do tradicional

Por Rana Foroohar

Valor, 29/11/2022

O futuro é digital, e no comércio exterior isso é mais verdadeiro do que em qualquer outra área. Nos últimos dez anos, enquanto houve estagnação no comércio exterior de muitos bens e serviços tradicionais, houve crescimento acelerado no comércio nas áreas de dados, serviços digitais, propriedade intelectual e até na de programas de estudo internacional (apesar de um breve abalo pela pandemia).

Entre 2010 e 2019, os fluxos comerciais ligados a quase tudo relacionado à chamada área do conhecimento cresceram o dobro em comparação aos de bens tradicionais. Algumas áreas cresceram ainda mais rápido durante a pandemia, graças à decolagem do mundo digital, de acordo com a mais recente contagem do McKinsey Global Institute (MGI) sobre as cadeias de valor globais.

Um desafio é que o comércio digital não se torne disputa mundial em que se corra para trás, em vez de para a frente, em que empresas multinacionais concorram para transferir empregos e dados para regiões com mão de obra barata e menos proteções de privacidade

Trata-se de boa notícia - é crucial que ideias e dados fluam através das fronteiras. Por outro lado, isso também traz desafios, tanto antigos quanto novos.

Na primeira categoria está a questão de garantir que o comércio digital não se torne uma disputa mundial em que se corra para trás, em vez de para a frente, em que empresas multinacionais concorram para transferir empregos e dados para regiões com mão de obra mais barata e menos proteções de privacidade ao consumidor. Na segunda categoria, as autoridades, os líderes trabalhistas e as empresas precisam considerar as diferenças entre esse comércio intangível e o comércio de bens e serviços tradicionais, e o que isso significa para a economia e a política tanto no nível mundial quanto no local.

Talvez o aspecto mais fundamental que diferencia o comércio de intangíveis do tradicional seja o fato de que os dados não são como um pedaço de carvão ou de aço - os dados podem ser usados por muitas pessoas, inclusive ao mesmo tempo. Na teoria, isso deveria criar um quadro em que todos saem ganhando, não apenas as duas partes de qualquer transação específica, mas também os países através dos quais os dados transfronteiriços fluem.

Na prática, entretanto, a informação tende a ficar monopolizada. O “efeito de rede” - quanto mais se tem, mais se consegue - criou superestrelas em setores ricos em dados, como as gigantes farmacêuticas e tecnológicas. Essas grandes empresas tendem a criar cadeias de produção muito mais lineares, porque isso é mais eficaz e também mais econômico. De acordo com o MGI, a concentração no comércio exterior é mais pronunciada em cadeias de valor mundiais altamente intangíveis e intensivas em conhecimento. De fato, as seis cadeias

de valor mais concentradas hoje caem nessa descrição - pense nas “Big Tech”, nas gigantes farmacêuticas, nas fabricantes dominantes de peças eletrônicas etc.

As autoridades já estão cuidando de algumas dessas questões, com um maior empenho antitruste e com novas formas de ver o impacto exercido pelos fluxos de comércio digital que são transacionados no esquema de permuta e representam uma grande parte do total. Em outras áreas, como a de chips, há esforços para incrementar a produção regional, o que permitirá a entrada de um maior número de empresas e países no ecossistema de produção do setor. No entanto, em áreas como a de produtos farmacêuticos, há pouco progresso para diversificar os fluxos (uma análise da cadeia de fornecimento feita pela da Casa Branca em 2021 detectou uma concentração extrema na produção de ingredientes farmacêuticos).

Empresas multinacionais controlam a maior parte do comércio exterior digital e, assim como ocorre com as empresas no comércio de bens e serviços tradicionais, elas têm o incentivo para transferir mão de obra e dados para onde for mais conveniente e lucrativo para elas. Embora a maior parte do comércio de intangíveis ainda esteja concentrada nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), há uma tendência de terceirizar mais trabalho digital para países como as Filipinas ou a Índia, onde existem poucas proteções trabalhistas.

“Se fizermos novos acordos comerciais, como o da estrutura de comércio exterior para a região do Indo-Pacífico, e não houver proteção suficiente para a mão de obra ou para os dados dos consumidores em todos os países, vamos acabar em uma situação pior do que antes”, diz Chris Shelton, chefe do sindicato Communications Workers of America (CWA), que representa cerca de meio milhão de trabalhadores no setor digital.

Essas preocupações são ainda mais exacerbadas pelo fato de que, embora o trabalho remoto tenha sido uma grande vantagem para muitos funcionários em países ricos, também mostrou até que ponto o trabalho de colarinho branco na área do conhecimento pode ser feito a partir de qualquer lugar - e, portanto, possivelmente terceirizado. Como um executivo-chefe me disse há um ano: “Se você pode fazer o trabalho em Tahoe [nos Estados Unidos], pode fazê-lo em Bangalore”. Não é de admirar que o CWA esteja recebendo mais perguntas sobre a organização sindical nos setores de tecnologia, de saúde, de mídia e até de finanças.

Será que os fluxos de comércio exterior digital repetirão alguns dos aspectos problemáticos do comércio exterior tradicional? Ou criarão novas dinâmicas geográficas? Parte disso dependerá da extensão do descolamento tecnológico EUA-China. Também dependerá de como os fluxos digitais estarão conectados ao mundo material. A internet das coisas aumenta drasticamente o fluxo de dados dentro das empresas e entre elas, espelhando o crescimento explosivo do fluxo de dados do consumidor que se seguiu ao lançamento do iPhone em 2007. “O comércio digital não está separado do comércio tradicional”, diz Olivia White, diretora do MGI, “mas ainda não estão claras quais são exatamente as relações casuais entre ambos”.

Precisamos de melhores formas de mensurar os fluxos de conhecimento. Este foi o tema de uma recente reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre intangíveis. Os fluxos de informação são muito mais nebulosos que os de bens tradicionais. Isso torna difícil registrá-los, tributá-los e regulamentá-los, mas também dificulta a compreensão total de seus impactos nos mercados, na mão de obra e na produtividade.

O conhecimento é algo que nós, como seres humanos, criamos, mas também é algo que negociamos. Essa verdade está no cerne da economia digital. A informação precisa fluir livremente, mas não pode se tornar mais uma arena na qual os ganhos obtidos pelo capital superam os do trabalho. Se isso acontecer, podemos esperar uma reação dos profissionais de colarinho branco contrária ao comércio exterior digital. **(Tradução de Sabino Ahumada).**

**Rana Foroohar é colunista e editora do Financial Times em Nova York**